

“A ‘FAVOR’ DAS MULHERES, MAS NUNCA ‘CONTRA’ OS HOMENS”: AS TRAJETÓRIAS DE ELZA MARZULLO E HELENA FERRAZ DE ABREU.

JAQUELINE MORAES DE ALMEIDA*

Elza Marzullo (? – 1997) e Helena Ferraz de Abreu (1906 – 1979) nasceram no Rio de Janeiro e foram colaboradoras de *A Cigarra*, uma revista fundada no início do século passado, pelo jornalista campineiro Gelásio Pimenta. Na década de 1930, a publicação passou por uma série de revisões e experimentações; e, em 1933, foi comprada por Assis Chateaubriand, integrando o grupo dos *Diários Associados*. Desde então, assuntos do interesse feminino foram privilegiados pela revista.

Elza Marzullo, a elegância e a beleza

Existem poucas informações a respeito de Elza Marzullo; algumas delas foram obtidas por meio de jornais, outras foram concedidas pela jornalista e vice-presidente do Instituto Zuzu Angel (Rio de Janeiro), Celina de Farias. Ao que tudo indica, Elza começou a trabalhar na *Rádio Tupi*, dos *Diários Associados*, em meados de 1939, estando à frente do programa “Elegância e beleza”, patrocinado por *Leite de Rosas* (**FIG. 1**). Ao lado de Celso Guimarães, cantor e radioator, a *speaker* também comandou o programa “Quarto de hora do it”, também patrocinado por Leite de Rosas, “o preparado que dá it a todas as mulheres do Brasil” (*A Noite: Suplemento*, 30 de janeiro de 1940: p. 25 – Fundação Biblioteca Nacional).

Elza Marzullo que, de acordo com a Academia Brasileira de Moda (ABM), foi pioneira no jornalismo de moda, assumiu a direção do “Suplemento Feminino”¹ de *A Cigarra* no final de 1945. A chegada da conhecida representante da beleza e da elegância acarretou

* Mestranda em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

¹ Parece ter sido uma preocupação da revista a junção dos principais assuntos considerados “femininos” em um único e amplo segmento. Antes da criação do “Suplemento”, a ideia já se mostrava no índice, quando todas as seções e colunas primordialmente dirigidas às leitoras foram inseridas no tópico “Suplemento Feminino” – ainda que esses materiais não estivessem reunidos como grupo, isto é, ocupassem, juntos, um espaço específico na revista. Ao longo dos anos e de forma gradual, o segmento foi se aperfeiçoando, até chegar em “A Cigarra Feminina”, com a direção da jornalista Helena Ferraz de Abreu e a participação de diversos outros profissionais da imprensa, como Alceu Penna, além de Elza Marzullo e Maria Luiza Castelo Branco. Essa observação vem acompanhada de duas hipóteses: a primeira, mais óbvia, que associa a postura/escolha da revista ao sucesso de venda; afinal de contas, *A Cigarra* daquele período era uma publicação consumida, majoritariamente, por mulheres. A segunda, que não deixa de estar associada à primeira, diz respeito ao chamado “universo feminino” de então, com suas regras e imperativos. Assim, a revista, mais do que ensinar isso ou aquilo, dizia à leitora, jovem ou adulta, o que deveria fazer parte de sua personalidade e de seu cotidiano. Na direção do “Suplemento Feminino”, Elza Marzullo substituiu Marion, cuja identidade permanece desconhecida.

diversas transformações no segmento. No início, por exemplo, as ilustrações de Alceu Penna (1915 – 1980) foram substituídas por fotografias, sendo que muitas destas eram de atrizes e de cantoras norte-americanas. Isso pode significar, entre outros motivos, que as atenções da revista mensal, em se tratando de moda, estiveram mais concentradas nos EUA do que na França – pelo menos até meados de 1947. Outra novidade relacionada aos figurinos foi o estabelecimento de maior conexão entre as imagens e os textos ali expostos.



Figura 1: Propaganda de Leite de Rosas (1939). Na imagem, Elza Marzullo.



Figura 2: Uma das páginas do “Suplemento Feminino” dirigido por Marzullo (1945).

A diagramação da página sobre figurinos (**FIG. 2**) costumava ser formada pelo título em negrito, por três fotografias (colocadas lado a lado) e por um texto relativamente extenso sobre as últimas novidades do prêt-à-porter (ready to wear) norte-americano – o texto

também comentava os figurinos presentes nas imagens. Além de Nova York, outras grandes cidades dos Estados Unidos apareceram como palcos da moda, como São Diego e Los Angeles, na Califórnia. O “Suplemento Feminino” não deixa claro se o conteúdo relacionado à moda tem autoria da própria diretora ou se foi comprado e traduzido pela *A Cigarra*. Em alguns momentos, surge a hipótese de que apenas as imagens é que foram compradas, e os textos produzidos por Elza, como no seguinte caso, cujo título é “Menos nudismo é a nota dominante nas criações que vêm da Califórnia”: “Além das elegantes roupas de banho com que os desenhistas da Califórnia embelezam as praias cinematográficas de Los Angelis, a exposição de Boston nos deu também os trajes que poderão inspirar as cariocas neste momento pensando na elegância de Copacabana nos últimos dias de verão.” (*A Cigarra*, novembro de 1945 – Arquivo Público do Estado de S. Paulo).

No “Suplemento Feminino” de Elza havia, sim, espaço para as dicas relacionadas ao ambiente doméstico; contudo, a maioria dos conselhos era associada à aparência física das mulheres. A partir de uma linguagem simples e amigável, Elza transmitia uma série de normativas às leitoras; e, quando suas mensagens não eram suficientemente claras, a coluna “Correspondência” cumpria o papel de fazer a mediação entre a “especialista” e o seu público. Mais do que ilustrar o padrão de beleza do período, as estrelas de Hollywood “contavam” seus segredos, inspirando mulheres e legitimando a eficácia de determinado produto ou procedimento: “Da mesma forma que Lauren [Bacall], qualquer moça pode ter feições irregulares, traços incorretos, valorizando-os, aproveitando-os para personalizar sua beleza; faça da individualidade seu maior atrativo, recusando ser uma cópia a carbono da beleza convencional”. Apesar do conteúdo, publicado em novembro de 1945, que de certa forma quebrava com a ideia fixa de um único padrão de beleza, a maior parte dos outros textos restringia as possibilidades ligadas à aparência das mulheres.

Em março de 1946, por exemplo, a cronista falou sobre um novo tipo de beleza, nascido no pós-guerra, cuja representante era a atriz norte-americana Veronica Lake. Esse novo “tipo” era, então, baseado nos cânones de Hollywood: o busto deveria ter, em média, 24 polegadas (o equivalente a 61 cm), enquanto os quadris deveriam ter 33 polegadas (84 cm), aproximadamente. O livro de Elza, *Detalhes de elegância e beleza* (1948) ², também

² Além desse livro, Elza organizou **Antologia das Rosas**, publicado em julho de 1948, pelo Laboratório Leite de Rosas Ltda. O livro traz uma série de poesias e algumas prosas; além do apêndice, com alguns textos em espanhol.

desmente tal despreocupação com os padrões, uma vez que apresenta diversas tabelas e ilustrações que remetem às medidas e proporções do corpo feminino.

Uma novidade proposta por Elza Marzullo e intensamente divulgada no “Suplemento Feminino” e, mais adiante, em uma coluna de “A Cigarra Feminina” esteve relacionada a um segmento contendo séries de exercícios físicos para as diferentes partes do corpo. Em um primeiro momento, Elza buscou convencer as leitoras sobre a importância e os benefícios da ginástica: “A atividade externa aumenta a eficiência caseira”; “Jeanne Crain: a natação conquistou-lhe o estrelato” etc. Novamente, muitas dicas foram “dadas” por conhecidas figuras estrangeiras. Diferente do modo como vigorou em “A Cigarra Feminina”, os conteúdos sobre exercícios publicados no “Suplemento” eram desprovidos de imagens. Assim, é bastante provável que diversas leitoras não chegassem a compreender claramente as instruções fornecidas por Elza – impressão que, talvez, tenha acometido a própria diretora e outras pessoas da redação da revista, que logo trataram de incorporar ilustrações aos textos explicativos.

Entre mulheres: a importância do trabalho desenvolvido por Alceu Penna

Em 1946, Alceu Penna³ embarcou com destino à Europa. Como quando esteve nos Estados Unidos (1939 – 1941), assumiu a tarefa de correspondente internacional da revista *O Cruzeiro*; além de manter o compromisso com a coluna “As Garotas”.

O primeiro país em que se hospedou foi a França, que, naquele momento, buscava, por intermédio da moda, reerguer-se, de forma a superar as consequências da Guerra e da ocupação alemã. Alceu, que naqueles tempos estivera mais atento e conectado às questões envolvendo figurinos e vestuários, pôde acompanhar de perto as criações de famosos costureiros, como Christian Dior. Certamente, essa experiência foi responsável pela transformação de seu traço e também de seu trabalho enquanto figurinista. Ao retornar ao Brasil, quando questionado pela imprensa se pretendia montar seu próprio atelier, vestindo “garotas” de carne e osso, ele respondeu: “Procuro sempre me afastar dos maus

³ Alceu de Paula Penna nasceu em janeiro de 1915, na cidade de Curvelo (MG). No início da década de 1930, mudou-se para o Rio de Janeiro, a fim de cursar Arquitetura, na Escola de Belas Artes. Na cidade, procurou trabalhos como ilustrador e figurinista; e foi assim que entrou para o domínio dos *Diários Associados*. Ilustrou contos, histórias em quadrinhos, capas, seções diversas. Em 1938, lançou a coluna “As Garotas”, grande sucesso da revista semanal *O Cruzeiro*. A partir de então, aproximou-se ainda mais do universo da moda. Ao lado de Marzullo e de Helena Ferraz, Alceu Penna conseguiu potencializar as mensagens de seus desenhos, auxiliando na divulgação de normativas e na formulação de gostos (JUNIOR, 2011).

pensamentos.” (JUNIOR, 2011: p. 230). Ele sabia que para isso teria que despender grandes esforços e um elevado capital financeiro.

Além de ter presenciado o “último suspiro da alta costura” – referência ao período que compreende o final da Segunda Guerra e o início dos anos 1960, proposta por Gilles Lipovetsky (2009) –, Alceu pôde avaliar as diferenças entre a cultura francesa – que, para ele, valorizava muito mais as mulheres maduras e elegantes – e aquela que vigorava no Brasil, que privilegiava as moças entre 14 e 20 anos de idade. Por isso, talvez, exista uma visível diferença entre as “garotas” e as modelos desenhadas para a seção de figurinos das revistas dos *Diários Associados*. Enquanto desenhava corpos mais curvilíneos, poses descontraídas e rostos mais joviais para a coluna de *O Cruzeiro*; optou por construir corpos mais esguios, poses discretas e elegantes, e rostos um pouco mais adultos para as seções de figurinos.



Figura 3: “Com quem sonharão as garôtas?”, sem data.

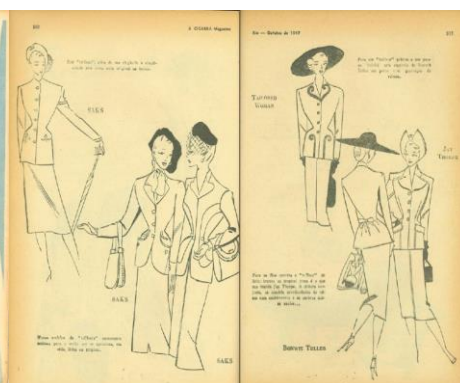


Figura 4: Seção de figurinos de *A Cigarra*, 1947.

Quando retornou ao Brasil, em meados de 1947, um dos primeiros trabalhos de Alceu enquanto ilustrador esteve relacionado ao livro *Detalhes de elegância e beleza*. Também ao lado de Elza Marzullo, foi responsável pelas ilustrações do “Suplemento Feminino”, semelhante ao trabalho que desempenhara sob a direção de Marion, tempos atrás.

O livro de Elza parece ser uma versão abrigueirada dos trabalhos publicados por Veronica Dengel, *Agarre seu homem!* e *Beleza e personalidade* – ambos originalmente lançados na primeira metade da década de 1940. Elza sabia da existência dessas publicações e, inclusive, citava alguns trechos destas em respostas às leitoras de *A Cigarra*, no segmento “Correspondência”. Ela própria, ao que parece, cumpria no Brasil – assim como Isabel de Almeida Serrano e Clarice Lispector (SANT’ANNA, 2014: p. 92) – missão equivalente àquela assumida por Dengel nos Estados Unidos: a de ser especialista em assuntos relacionados à beleza e às boas maneiras. *Detalhes de elegância e beleza* foi publicado em

dezembro de 1948 pela Empresa Gráfica O Cruzeiro S.A., tendo como superintendente Leão Gondim de Oliveira, e Frederico Chateaubriand e Antônio Accioly Netto como diretores. O livro explora questões relacionadas às atitudes (comportamentos) das mulheres; medidas adequadas para cada corpo; formas de como cada mulher deveria se maquiar, vestir-se etc. Como o conteúdo é bastante explicativo e didático, as ilustrações de Alceu Penna foram fundamentais, pois elas dão conta de interpretar, de maneira visual, os esquemas propostos pela autora.

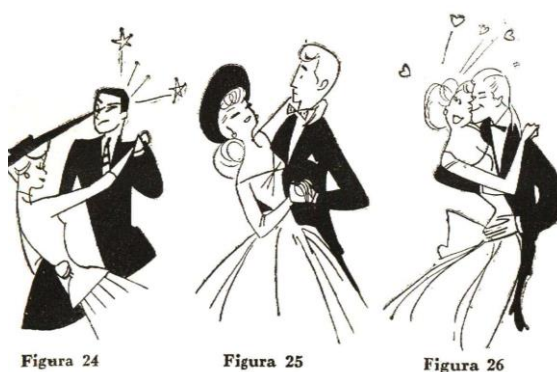


Figura 5: “Dançando”, item do capítulo II, “Atitudes” (1948).

As legendas da imagem acima alertam, respectivamente: “Evite chapéus, bôlsas, etc., que chamam a atenção e incomodam, prejudicando a dança.”, “Não se pendure no cavalheiro, agarrando-lhe pelo pescoço.” e “Não assuma atitudes muito íntimas.”. Há ainda uma quarta imagem, maior, de uma garota adormecida sobre os braços de seu parceiro de dança. A legenda desta explica: “Não durma sobre o ombro de seu par.” (MARZULLO, 1948, p. 35).

No prefácio do livro, Elza enfatizou a importância de cada parte do corpo feminino: “Cada uma de nós é um todo formado por partes que devem guardar entre si determinadas proporções, para que o conjunto seja agradável, atraente, belo enfim.”. A autora também alertou que a concordância entre as partes, apesar de muito importante, não era suficiente: “É necessário também harmonia, graça, elegância nos movimentos, nas atitudes. Só quando ambas se juntam (...) é que temos a mulher bela e elegante, padrão tão desejado quanto dificilmente encontrado” (op. cit.: pp. 13-4). Ou seja, além da “boa” aparência, as mulheres – Elza fala às mulheres pertencentes às classes média e alta do país – deveriam estar sempre atentas aos movimentos e às expressões do corpo, de forma a transmitir uma “boa

impressão” àqueles que a observassem. Denise de Sant’Anna, ao discorrer sobre os manuais de beleza e economia doméstica do período, afirmou que:

Os conselhos foram exaustivos em suas repetições e insistências. Tratava-se de conter qualquer exagero, de controlar meticulosamente a presença corporal e emocional. Mulher bela devia saber se conter: gritos, risos longos, choros compulsivos, bocejos, tudo isso podia enfear o “brotinho” e deixá-la solteira para sempre. Ora, solteironas e solteirões representavam uma tristeza sem fim. Para evitar sofrimentos no presente e no futuro, o melhor, diziam os conselheiros, era administrar as emoções, mas, também, cultivar o corpo. Afinal, as roupas não conseguem disfarçar todos os problemas físicos. (SANT’ANNA, op. cit.: pp. 92-3)

Todo o capítulo IV do livro foi dedicado às proporções do corpo em dimensões e massa. Neste, encontram-se diversas tabelas e ilustrações que tinham a função de esclarecer se a leitora estava ou não dentro do que era considerado normal. Elza tratou do assunto quase que de forma científica, e disse ter se baseado em estudiosos como Richter, Fritsch, Straatz e Hebert – apesar de não se aprofundar em nenhuma hipótese ou tese defendida por eles. A autora escreveu um texto introdutório, indicando as diferentes classificações dos chamados “tipos femininos”: louras, castanhas, morenas, ruivas ou grisalhas (para os cabelos); normal, oleosa ou seca (pele); altas, médias ou baixas (estatura); gordas, normais ou magras (peso). Sem que fossem explicados os métodos e as possíveis teorias que sustentassem os dados apresentados, Elza expôs tabelas que, por exemplo, relacionavam peso, altura e idade; e ilustrações, feitas por Alceu Penna, de corpos com suas respectivas dimensões, utilizados para exemplificar as relações de proporção descritas.

A autora explica que todas aquelas informações deveriam ser levadas em conta por leitoras com mais de 22 anos, cujo crescimento já foi encerrado. O capítulo em questão, bem como todos os demais conteúdos, apresentaram normas que deveriam ser aplicadas ao corpo e às atitudes de mulheres adultas: “O modo correto de se sentar é o seguinte: com um pé levemente atrás do outro, dobre os joelhos para frente, e apenas com a força das pernas, sente-se”. Muitos imperativos foram usados no sentido de disciplinar as mulheres; e, na maioria das vezes, o argumento que legitimava tais pressões era o do casamento: se solteira, a moça deveria cumprir todas aquelas obrigações, para um dia, enfim, conquistar um marido; e, se casada, a manutenção do enlace conjugal poderia ser assegurada por meio dos cuidados despendidos pela esposa.

Helena Ferraz de Abreu e Álvaro Armando

Helena Marília Bastos Tigre nasceu em 26 de maio de 1906, e foi registrada por seu jovem pai, o “poeta da moda” Manoel Bastos Tigre. A história do romance entre o poeta, ex-aluno da Politécnica, e Maria Olympia, viúva do Conselheiro Epiphânio Cândido de Souza, engenheiro e bacharel em Matemática, foi descrita pelo sr. Arnaldo Ferraz de Abreu, filho caçula de Helena:

No então imperial bairro de São Cristovão, Tigre frequentava os saraus litero-musicais de três mocinhas: Maria, Marianna e Annita. (...) O jovem estudante era uma atração das tertúlias, a dizer versos e a namorar as meninas. Uma noite, entretanto, ele vê, descendo as escadas, a viúva-mãe [Maria Olympia]; dela se aproxima, iniciando um romance secreto, tempestuoso e sem perspectivas. Maria Olympia (...) não admitia nenhuma ligação definitiva proposta por Bastos Tigre, vinte anos mais moço. Sabia que estava com câncer e não pretendia nem mesmo tentar impedir sua marcha com uma cirurgia. Ficou grávida e escondeu de todos. (ABREU, 1987: p. 21)

Passados dois anos após o parto, Maria Olympia veio a falecer, e Helena – já registrada pelo pai – foi deixada aos cuidados das irmãs mais velhas. Quando Bastos Tigre retornou ao Brasil, depois de uma temporada nos Estados Unidos, a família de Helena não permitiu que ele se aproximasse da filha. Ela só conheceu o pai depois de algum tempo, já mocinha, graças às mediações de Gilka Machado, amiga de ambos.

Graças a um currículo profissional e ao documento de *discurso de posse na Academia Brasileira de Jornalismo* (ABJ) de Márcia Vargas, encontrados em meio aos documentos selecionados pelo sr. Arnaldo, e a um necrológico, publicado no jornal *O Globo* em 13 de dezembro de 1979 – texto escrito pela própria jornalista, às vésperas de seu falecimento –, conseguimos acesso às produções de maior relevância na carreira de Helena Ferraz. Já aos oito anos de idade, a diretora de “A Cigarra Feminina” iniciou seus trabalhos como escritora, colaborando no jornal manuscrito *O Potoka*, com poemas e crônicas. Mais tarde, depois de casada com Maurício Ferraz, criou o *Correio Universal* – espécie de suplemento semanal, que circulava em dezenas de jornais espalhados pelo país ⁴. Segundo

⁴ Pouco depois do surgimento do *Suplemento Infantil* (inicialmente lançado pelo jornal *A Nação*; posteriormente divulgado com o título *Suplemento Juvenil*), em 1934, Helena e Maurício Ferraz de Abreu criaram o *Correio Universal*. Sobre o jornalzinho, o filho caçula do casal relatou: “Papai tinha um suplemento distribuído gratuitamente junto com os jornais de grande circulação do país, nas décadas de 1930 e 1940. Só ganhava na publicidade. O nome era pretencioso, *Correio Universal*, mas era feito em casa, pelo casal.”. A atenciosa direção de Maurício – que também era responsável por buscar os anunciantes – e a versatilidade de Helena garantiram o sucesso do jornalzinho. Como “Madame Margot”, a jornalista oferecia conselhos de beleza às leitoras; como “Zarref” (Ferraz ao contrário), assinava a coluna literária; como “Boticário & Cia”, era responsável pela seção humorística “Conta-Gotas”. E, como Álvaro Armando, Helena publicava poesias, assinava a seção “Cinco minutos de bom humor” e, o mais importante: traduzia, para o português, diversas histórias em quadrinhos. Com a parceria de Francisco Acquarone, ilustrador, o casal lançou personagens estrangeiros como *Fantasma* e

Márcia Vargas, patronímica de Helena na ABJ, diversos eram os anunciantes que acreditavam no alcance do suplemento: Aristolino, Eucalol, Kodak, Gillete, Phillips, Equitativa e os laboratórios Bayer, Raul Leite, Vermiol Rios, Moura Brasil, Oliveira Jr. e outros.

Colaborou no jornal *Correio da manhã*, onde manteve uma coluna dominical chamada “Pingos e Respingos” (1940 – 1957), comentando em versos os principais acontecimentos da semana. No mesmo período, em *O Jornal* – veículo dos *Diários Associados* –, Helena foi responsável pela coluna “Janela Indiscreta”. Em *O Globo*, esteve ligada às colunas diárias “Humorglobinas” (1937 –?), assinando como Álvaro Armando; e “Na boca do Globo” (1952 – 1968), assinando com seu próprio nome. Desde o final da década de 1960, passou a assinar como Helena Ferraz, em crônicas e reportagens. Além de diretora do suplemento feminino de *A Cigarra* (1948 – 1952), trabalhou em revistas de grande circulação nacional, como: *Careta*, onde firmou uma parceria com o ilustrador J. Carlos, e *Manchete* (1952), que, na década de 1950, entrou em disputa com *O Cruzeiro*, na busca pelo maior número de vendagem. Em 1947, publicou, em formato de livro, uma coletânea de sonetos, dando-lhe o título de *Na berlinda*. Com ilustrações de Théo (Djalma Pires Ferreira), Helena (como Álvaro Armando) satirizou figuras públicas da época, como, por exemplo, Carmen Miranda, Carlos Lacerda, Menotti Del Picchia e Getúlio Vargas.

Helena Ferraz também exerceu atividades em meios publicitários, e em programas de rádio e televisão. De 1947 a 1952, trabalhou ao lado de Arlette Pinheiro (a atriz Fernanda Montenegro) na *Rádio MEC*, programa “Lendo e Contando”, apresentando notícias relacionadas ao universo literário. Concomitante a isso, na *Rádio Globo*, “prima Helena” apresentou o programa “Conversa em Família”, atuando com Álvaro Moreyra, Rubens Amaral e Raul Brunini. Em 1954, ela trabalhou na *TV Tupi*, no programa “Adivinha o que ele faz”, juntamente com Antônio Maria, Madalena Rosah, Heloísa Helena e Max Nunes.

Para terminar a descrição do extenso currículo, cabe dizer que Helena Ferraz foi a primeira mulher eleita ao cargo de diretora, em 1964, na Associação Brasileira de Imprensa

Aladim. Além disso, *O Correio* foi pioneiro na divulgação de HQs nacionais, como *O Guarani* – adaptado do romance de José de Alencar e quadrinizado também por Acquarone. As histórias completas, que não eram gratuitas, poderiam ser adquiridas por intermédio do próprio jornalzinho. Segundo Helena Ferraz, *O Correio Universal* – que, como suplemento, chegou a circular em mais de 200 jornais do Brasil – foi fechado a mando do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), em 1944. Sobre o assunto, consultar: JUNIOR, Gonçalo. *A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933 – 64*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

(ABI). Nessa mesma instituição, desde 1960, pertenceu ao Conselho Administrativo e, até o momento de seu falecimento, dirigiu a “Biblioteca Bastos Tigre”.



Figura 6: Fotografia publicada em jornal (sem data) de um evento na Associação Brasileira de Imprensa.

A fotografia acima ilustra bem um aspecto bastante evidente na trajetória pessoal⁵ e profissional da jornalista. Sempre cercada por homens – sendo alguns deles muito poderosos –, ela conseguiu encontrar um espaço para divulgar seu talento e construir uma carreira que fosse muito além àquela propagada como “ideal” à condição feminina do período – ideia da qual, aliás, ela própria, como Helena, ajudou a legitimar e difundir. É evidente, contudo, que a jornalista teve a sorte de nascer em um ambiente intelectualizado e, além de tudo, vanguardista – vide a história da relação estabelecida entre sua mãe, Maria Olympia, e Bastos Tigre. Por isso, consideramos importante a descrição – ainda que resumida e, por vezes, pautada em memoráveis documentos – de aspectos da vida pessoal e, principalmente, profissional daquela que, no final da década de 1940 e início dos anos 1950, propôs um programa feminino à revista *A Cigarra*, mensário de grande circulação no país.

Outro aspecto que merece destaque pode ser identificado por meio do necrológico da jornalista. Internada por conta de um câncer pulmonar, ela própria fez questão de registrar as suas principais produções; escolhendo, inclusive, a fotografia que deveria ser inserida junto ao texto. A partir de sua experiência, Helena parecia prever a força do silêncio que envolveu não apenas a sua, mas também a trajetória de diversas mulheres, como a da companheira Elza Marzullo. Michelle Perrot, refletindo sobre os silêncios que envolvem e anulam a massa da sociedade, afirmou que é sobre as mulheres que a ausência de palavras e de memórias pesa mais: “Em primeiro lugar, porque as mulheres são menos vistas no espaço público, o único que, por muito tempo, merecia interesse e relato. Elas atuam em família, confinadas em casa,

⁵ Helena teve três filhos: Álvaro, Armando e Arnaldo; e nenhuma filha.

ou no que serve de casa. São invisíveis.” (2012: pp. 16-7). Perrot também apontou a escassez de fontes relacionadas às produções femininas em arquivos públicos:

Em virtude de sua posição na família, há mais chances de encontrar vestígios das mulheres nos arquivos privados. Por definição, o status desses arquivos foi e continua a ser necessariamente incerto. Destinados a receber material administrativo, que acabam por ocupa-los excessivamente, os arquivos públicos, nacionais ou departamentais, os acolhem com reservas, a conta-gotas e de maneira seletiva. Escritores, políticos, empresas... transpõem a barreira. Mas é muito difícil para as pessoas comuns, e ainda mais para as mulheres. (op. cit.: p. 27)

Gostaríamos de ressaltar, ainda, o uso do pseudônimo masculino, Álvaro Armando, que a ela possibilitou uma extensa carreira em jornais de grande circulação e destaque no Brasil da época. Neles, Helena, tão à vontade ao exercício da poesia satírica – uma herança paterna, talvez –, atacou sem meias palavras políticos, empresários e toda uma corja detentora de poder. Como seria (e se seria), contudo, se assinasse esses textos com seu verdadeiro nome, Helena Ferraz de Abreu?

Sobre a razão do título do artigo

O jornal carioca *Diário da noite* (também dos *Diários Associados*) publicou, em 1º de junho de 1948, uma notícia sobre o lançamento de “A Cigarra Feminina”, segmento que substituiu o “Suplemento Feminino”, então dirigido pela escritora e radialista Elza Marzullo. A nota foi acompanhada por uma espécie de entrevista com Helena Ferraz, que desvendou o mistério envolvendo a revista *A Cigarra*, já esclarecido no próprio título do texto: “uma revista dentro da outra”. Sobre o programa do suplemento, disse a jornalista: “contará com uma colaboração variada, tratando também dos mais variados assuntos: não só beleza, elegância, modas, como também noções de puericultura, decoração, fatos de nossa história, contos, conselhos às mocinhas etc.”. A jornalista também destacou as colaborações de Marzullo e do ilustrador e figurinista, recém-chegado da Europa, Alceu Penna. Mencionou, ainda, as participações do médico pediatra Dr. Silveira Sampaio, do professor Mário Lima, da decoradora Stella, de G. de Setúbal, Maria Luiza e Maria Helena.

Helena Ferraz deixou o pseudônimo masculino para agir como uma mulher⁶ daquele momento pós-guerra. Quando abordada pelo jornalista do *Diário da noite* sobre o

⁶ A frase que inaugura o primeiro capítulo (vol. 2) de *O segundo sexo* inquietou, no mínimo, e inspirou diversos trabalhos relacionados às questões de gênero, às divisões socialmente estabelecidas entre o universo feminino e o masculino. Disse Simone de Beauvoir: “Ninguém nasce mulher; torna-se mulher.”. E continua: “Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de

caráter do suplemento, ela respondeu que este teria características femininas, e não feministas; “a ‘favor’ das mulheres, mas nunca ‘contra’ os homens”. O texto segue e conclui: “A mulher pode concorrer para um mundo melhor, se ela começar tornando melhor o mundo de sua casa.”. Levando em consideração as escolhas feitas pelo veículo que divulgou a notícia – porque a informação também é uma mercadoria –, a afirmação da jornalista sugere uma ideia negativa do feminismo, que seria então uma ideologia contrária aos homens (PEDRO in PINSKY e PEDRO, 2012: pp. 238-240). Em compensação, a feminilidade – de volta aos trajes oficiais, aos meios publicitários, às salas de cinema e aos discursos destinados às mulheres – aparece não apenas como agradável ao sexo masculino, mas essencial às *femmes*.

Concluindo

Apesar de sua frequência no cenário midiático especialmente dirigido ao público feminino (1940 – 1970, aproximadamente), as memórias sobre Elza Marzullo são muito escassas. De acordo com Celina de Farias, que foi estagiária de Elza no *O Jornal*, ela foi uma grande profissional, responsável pela manutenção da vendagem do impresso carioca e pioneira no jornalismo de moda no Brasil. Também segundo Celina, Elza não teve filhos, divorciou-se e passou seus últimos anos em uma casa em Petrópolis (RJ), onde vivera com seu segundo esposo. Não sabemos ao certo o ano e o local de nascimento da escritora/*speaker*, mas o desenvolvimento de sua carreira, possivelmente, esteve atrelado às condições oferecidas pela cidade do Rio de Janeiro, então capital do país, que abrigava os grandes veículos de comunicação, fundamentais em sua carreira profissional.

Beatriz Sarlo, ao propor uma reflexão relacionada às trajetórias de três escritoras argentinas da primeira metade do século afirmou: “interessa-me mais entender como essas mulheres não apenas trabalharam com suas desvantagens, mas também potencializaram suas diferenças.” (2010: p. 128). Um esforço duplo, mas essencial. A “modernidade” da capital – seja relacionada aos meios de comunicação, seja associada aos costumes – permitiu à Elza, ainda muito jovem, uma vida pública, aquela do mundo do trabalho e da fama: ela foi a voz feminina do rádio, a autora de diversas colunas de jornais e revistas, a professora das disciplinas mais caras aos brotinhos daquele momento. Uma mulher inteligente, independente e forte, responsável, entretanto e paradoxalmente, por disseminar diversas normativas

feminino.”. BEAUVOIR, Simone (trad. de Sérgio Milliet). *O segundo sexo: a experiência vivida*: 2ª edição. Difusão Europeia do Livro, p. 09. Disponível em: <<http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409680.pdf>>. Data de acesso: julho de 2014.

relacionadas ao universo feminino; normativas essas que delimitavam claramente o local daquele sexo considerado “frágil”. É também a própria Sarlo quem indica as “desvantagens” - motivos pelos quais algumas atitudes parecem contraditórias – que permearam a trajetória de vida de mulheres como Elza e, em Buenos Aires, Norah Lange:

Apesar de já ser admissível que as mulheres escrevam, elas devem fazê-lo como mulheres, ou melhor, destacando que, ao escrever, não contradizem a característica básica de seu sexo. O homem é cultura, a mulher natureza. A mulher corrige as operações que o homem realiza com a cultura (...): ela não divide, conserva; age no rio da evolução e não na torrente da quebra. (op. cit.: p. 130)

As informações relacionadas às produções de Helena Ferraz de Abreu são bem mais numerosas, se comparadas às de Elza. Por isso, diferente de como apresentamos a trajetória da cronista da “elegância e da beleza”, optamos pela exposição dos diversos trabalhos de Abreu, sejam daqueles assinados com seu próprio nome, ou daqueles com a assinatura de “Álvaro Armando” (junção dos nomes de seus dois primeiros filhos). Provavelmente, as memórias associadas à jornalista podem ter prevalecido por, pelo menos, dois motivos: além de ter ocupado vários lugares, como a sátira, a poesia, a imprensa – e não apenas a feminina – e a política, Helena teve o cuidado de expor, por ela própria, todo o seu percurso profissional, publicando-o em jornal de grande circulação (*O Globo*), às vésperas de seu falecimento.

A pergunta que extrapola os limites biográficos, convidando a uma reflexão histórica pode ser a seguinte: “Como pôde uma mulher, nascida na primeira década do século XX, conquistar tantos espaços (públicos) por meio de seu intelecto?”. Obviamente, generalizações não são bem-vindas em um trabalho ou pesquisa histórica; mas é quase inevitável pensar nas circunstâncias que possibilitaram à Helena um lugar de destaque no cenário midiático nacional, principalmente durante a primeira metade do “vinte”. Assim como Elza, nasceu na capital – centro das novidades e das possibilidades; mas possuía algo a mais: uma família financeiramente estável e notadamente conhecida; além de um pai poeta – famoso por seus poemas satíricos – e de um esposo também envolvido com a imprensa. Aqui, novamente, vale a pena recorrer à Sarlo, quando reflete a trajetória e o espaço social pertencente à Victória Ocampo, escritora argentina:

A língua estrangeira era utilizada pelas mulheres da origem de Victória Ocampo para escrever cartas, ler telenovelas, recitar um pouco ou assistir a representações teatrais, conversar com os lojistas ou modistas, ir ao cabeleireiro. A língua estrangeira era a língua de consumo feminino, e não de produção. (...) Vítória

O campo converte em instrumento o que seu meio social considerava adorno. (op. cit.: p. 167)

Semelhante atitude teve Helena Ferraz de Abreu, ao transformar em projeto e trabalho todo o conteúdo associado e direcionado, na maioria das vezes, à sua educação feminina.

Fontes e referências bibliográficas

A Cigarra (1914 – 1975), Arquivo Público do Estado de São Paulo.

O Globo (13 de dezembro de 1979), Acervo digital do jornal *O Globo*.

Diário da Noite (01 de junho de 1948), Acervo pessoal Arnaldo Ferraz de Abreu.

Discurso de posse na Academia Brasileira de Jornalismo – ABJ. Quadro I – Cadeira Nº 28. Patronímica de Helena Ferraz. Jornalista Márcia Vargas. Rio de Janeiro, 29.04.93. Acervo Arnaldo Ferraz de Abreu.

Fragmentos do projeto de “A Cigarra Feminina”, sem data, Acervo pessoal Arnaldo Ferraz de Abreu.

Fragmentos do suplemento semanal *Correio Universal*, 1954, Acervo pessoal Arnaldo Ferraz de Abreu.

...

ABREU, Arnaldo Ferraz de. *Bastos Tigre: eclética trajetória*. Rio de Janeiro: Lado A Editores Associados, 1987.

ARMANDO, Álvaro. *Na berlinda*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1947.

BEAUVOIR, Simone (trad. de Sérgio Milliet). *O segundo sexo: a experiência vivida*: 2ª edição. Difusão Europeia do Livro, p. 09. Disponível em: <<http://brasil.indymedia.org/media/2008/01/409680.pdf>>. Data de acesso: julho de 2014.

DENGEL, Veronica (trad. de Suzana Flag). *Agarre seu homem*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro S. A., 1949.

JUNIOR, Gonçalo. *Alceu Penna e as Garotas do Brasil: moda e imprensa – 1933 a 1975*. Barueri: Amarilis, 2011.

_____. *A guerra dos gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933 – 64*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles (trad. de Maria Lucia Machado). *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARZULLO, Elza. *Detalhes de elegancia e beleza*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro S. A., 1948.

_____. (org.). *Antologia das Rosas*. Rio de Janeiro: Laboratório Leite de Rosas Ltda, 1948.

PERROT, Michelle (trad. de Angêla M. S. Corrêa). *Minha história das mulheres*: 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi e PEDRO, Joana Maria (organizadoras). *Nova História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de. *História da beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2014.

SARLO, Beatriz. *Modernidade Periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SIMIONI, Ana Paula C. *Profissão Artista: pintoras e escultoras acadêmicas brasileiras*. São Paulo: Edusp, 2008.

VEILLON, Dominique (trad. de André Telles). *Moda & Guerra: um retrato da França ocupada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.